

MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO: uma década da trajetória de um Grupo de Trabalho¹

MEMORY AND COMMUNICATION: a decade of the trajectory of a Working Group

Anna Cavalcanti²
Luciana Amormino³
Ana Paula Goulart Ribeiro⁴
Barbara Heller⁵
Mônica Rebecca Ferrari Nunes⁶
Priscila F.Perazzo⁷

Resumo: O texto tem como proposta historicizar os dez primeiros anos (2014-2024) do GT Estudos de Memória e Comunicação, buscando entender como as discussões nesse campo se desenvolveram. Foram mapeados os conceitos e autores acionados, os temas recorrentes, os teóricos estudados, entre outros aspectos. Trata-se de um levantamento inicial dos 100 artigos publicados na íntegra no site da Compós. Utilizamos o script em Python para extrair sete chaves de leitura: título, autores, afiliação, referências, temáticas centrais e materialidades. Concluímos que foi mobilizado um corpo de referências teóricas, que - ainda que com ênfases em determinados aspectos - remetem a matrizes ancoradas em uma certa tradição de pensamento sobre a memória e suas interfaces. Entre os conceitos acionados, merecem destaque aqueles relacionados à memória coletiva e à memória cultural. A questão da dimensão política ganha relevo como um reflexo direto do crescimento desse campo de pesquisa.

Palavras-Chave: memória cultural; memória coletiva; GT Estudos de Memória e Comunicação

Abstract: The present study aims to historicize the first ten years (2014–2024) of the Estudos de Memória e Comunicação (GT Memory and Communication Studies) by examining the development of discussions within this field. The research maps key concepts and authors, recurring themes, and the theoretical frameworks employed, among other aspects. This constitutes an initial survey of 100 full-text articles published on the Compós website. We utilized a Python script to extract seven analytical keys: title, authors, institutional affiliations, references, central themes, and materialities. Our findings indicate the mobilization of a relatively coherent body of theoretical

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Memória e Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

2 Doutora em Comunicação, e-mail: annaccavalcanti@gmail.com

3 Docente da PUC Minas e pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG, com apoio do CNPq. Doutora em Comunicação Social. E-mail: luamormino@gmail.com.

4 Professora titular da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: goulartap@gmail.com

5 Docente do PPPGCOM - Unip. Doutora em Comunicação. E-mail: b.heller.sp@gmail.com

6 Docente e pesquisadora do PPGCOM-ESPM. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: monicarfnunes@espm.br

7 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado Profissional em em Docência e Gestão Educacional - USCS. Doutora em História Social. e-mail: prisperazzo2@gmail.com

references which, despite variations in emphasis, draw upon traditions of thought regarding memory and its interfaces. Notably, concepts related to collective and cultural memory stand out. Additionally, the political dimension emerges as a salient aspect, reflecting the growth and increasing relevance of this research field.

Keywords: *cultural memory, collective memory, GT Estudos de Memória e Comunicação*

1. Introdução

O Grupo de Trabalho (GT) Estudos da Memória e Comunicação, da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) está fazendo aniversário. São seus dez primeiros anos de vida que analisamos neste artigo coletivo. Por se tratar de um acontecimento acadêmico e institucional relevante, essa data precisa ser lembrada. Acreditamos que a efeméride pode servir como um momento rico para promover uma reflexão sobre os caminhos que vem seguindo a pesquisa na área. Decidimos, por isso, escrever esse artigo a 12 mãos com a pretensão de fazer uma análise crítica do papel do GT no desenvolvimento dos estudos da memória na área da comunicação no Brasil. Por isso, esse texto foi redigido e pensado a partir de seis pesquisadoras que frequentaram assiduamente o GT nos últimos dez anos, atuaram na sua fundação, na coordenação e na participação das discussões ao longo dessa década. Sem esse esforço coletivo dificilmente conseguiríamos alcançar os objetivos a que nos propusemos: historicizar sua formação e entender quais conceitos e autores foram acionados ao longo da primeira década de sua existência e, assim, fornecer um mapa epistêmico sobre os estudos da interface memória-comunicação.

Temos, ainda, uma segunda pretensão: esboçar as primeiras respostas para as perguntas que sustentam nossas inquietações: como nós, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, nos situamos ao longo do percurso histórico traçado por esse GT? Quais foram os avanços que o GT possibilitou para que os estudos da memória conseguissem seu lugar junto aos estudos de comunicação? Quais temas foram mais articulados? Quais noções de mídia circundam os trabalhos nessa década? De que forma, incorporamos ou não, os debates que hoje se colocam como centrais pelos estudos decoloniais? Os objetos que estudamos, aqui nomeados como materialidades, deram conta da diversidade a partir da qual se dá a circularidade cultural e midiática da memória na contemporaneidade?

Olhando em retrospectiva, percebemos que, ao longo desse período, o GT cresceu e amadureceu. Houve recuos, avanços, acertos e, principalmente, autocrítica. Tudo isso será explicado nas seções que compõem esse texto. O material gerado, a partir dos textos

selecionados, publicados, apresentados e aqui comentados, permite inúmeras discussões, análises críticas e revisionismos, que podem gerar não apenas esse, mas outros artigos, uma vez que a coleta de dados dos cem trabalhos apresentados no GT rende muitas mais interpretações. Vamos comentar algumas delas, cientes de que esse trabalho requer aplicação de outros filtros que podem contemplar, no futuro, muitas outras variáveis.

Na seção 2, O lugar da memória na comunicação em 2014, contamos sobre o contexto em que se deu a gênese do GT, nomeado, à época, como “Memória nas Mídias”. Também refletimos sobre as possibilidades dos estudos de memória na área da comunicação no ano em que foi eleito pela primeira vez, e os desafios enfrentados nas reelivagens seguintes, em 2018 e em 2022, quando foi renomeado para “Estudos de Memória e Comunicação”, e seu desempenho até 2024.

Na seção 3, Método: uma interpretação político-quantitativa, explicamos os procedimentos metodológicos usados na coleta e organização dos dados, a partir dos textos publicados entre 2015 e 2024. Utilizamos o método de mineração de dados, utilizando um script em Python. Como todas as pesquisas quali/quantitativa, os números gerados e inseridos nas planilhas foram interpretados à luz das teorias de que dispomos e, mais importante ainda, da sensibilidade das autoras. Afinal, para que os números nos digam o que queremos saber, faz-se necessário contextualizá-los, lembrando que até mesmo tabelas são textos políticos, pois resultam de softwares identificados com “a ideologia do Vale do Silício” (Grohmann, 2021, p. 20).

Assim, questionamo-nos o que significa a recorrência de determinados dados, a ausência ou a baixa frequência de outros, na seção 4, intitulada Perspectivas teóricas e autores mobilizados no GT. Entender diacrônica e politicamente os sentidos que podem ser atribuídos aos dados é o que desenvolvemos na seção 5 - Entendendo os dados: palavras-chave, temáticas centrais e materialidades. Nesta seção, tratamos da análise dos dados, considerando as recorrências de termos e materialidades presentes nos cem artigos analisados. Foi feito um cruzamento entre os dados, de modo a qualificar nossa reflexão. E, finalmente, na última seção - Resultados, ainda que parciais - ensaiamos considerações mais amplas dos levantamentos apresentados, para o fechamento do texto, cientes de que muitas outras conclusões poderão surgir, à medida que cruzarmos essas primeiras análises com outros fóruns de estudos da memória, como o Núcleo de Memórias do ABC (USCS – São Caetano do Sul), os grupos de pesquisa de universidades brasileiras, como Lembrar –

Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação (ESPM- RJ), Mnemon - Grupo de Pesquisa em Memória, Comunicação e Consumo (ESPM - SP), Memento - Mídia, Memória e Temporalidade (UFRJ), Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom – ECA/USP), Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade e Memória (LIM – PUC-SP) e Narrativas da memória: representações, identidades e culturas (Unip). Também há redes de pesquisa como a Rede Brasileira de Pesquisadores em Memória e Comunicação (Rememora), Rede Brasileira de Lugares de Memória (Rebralum - Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo), Nós-Outros: Linguagem, Memória e Direitos Humanos (Unicamp), entre outros.

2. O lugar da memória na comunicação em 2014

Você já deve ter experimentado a sensação de “desencaixe” em algum momento de sua trajetória de vida pessoal ou profissional. Esse era o sentimento que nos acometia, lá pelos idos anos de 2011, 2012, 2013, quando nossas pesquisas sobre memória e comunicação pareciam não dialogar com nenhum dos quinze grupos de trabalho já estabelecidos nos Congressos Nacionais da Compós. Por mais que insistíssemos, congresso após congresso, percebíamos que não havia espaço para apresentar nossas questões e referenciais teóricos que, até então, não eram sequer reconhecidos como sendo da área da comunicação. Muitos de nós, antes de 2014, apresentavam trabalhos nos congressos nacionais da Compós quando tratavam de temas relacionados ao jornalismo, à televisão, à música, às narrativas, às intertextualidades, à cultura, para citar alguns. Nesses casos, discussões sobre memória não eram o foco, poderiam estar minimizadas ou até mesmo ausentes.

Desde a virada para o século XXI, o campo da memória social passou a ultrapassar os cânones da filosofia, da antropologia e da história, em termos de pesquisa em humanidades, e adentrar em muitas outras áreas do conhecimento, entre elas, a comunicação. Por isso, vemos a multiplicação de grupos e centros de pesquisa voltando-se para estudos sobre o assunto, como pontuado anteriormente, na introdução deste texto.

Conforme Feldman e Steindel (2019, p. 148-149) “o fortalecimento da memória no contexto institucional brasileiro ocorreu a partir dos anos 2000, subsidiado pelos avanços tecnológicos e pelos meios de comunicação”. Esses autores ainda consideram que “as discussões referentes à memória tratam da construção de identidades”. Foi na virada do século XX para o XXI, com os processos de globalização em curso, que as indagações sobre

identidade social se ampliaram nas Ciências Humanas e, talvez, esses fatores expliquem a explosão dos estudos interdisciplinares preocupados em lidar com o fenômeno da memória social. Para completar,

Nas últimas décadas, devido às características e às demandas de informação e conhecimento que permeiam a sociedade, a memória adquire papel cada vez maior sob as mais variadas formas. Portanto, discutir sobre memória implica também realizar abordagens filosóficas, as quais estudam a memória como um fenômeno social. (Feldman; Steindel, 2019, p. 149)

Paradoxalmente, sabíamos que já existiam diversos grupos de pesquisa espalhados pelas diferentes universidades que tratavam do tema na área da comunicação. A título de exemplo, citamos Memória e Sociedade, fundado em 2002, abrigado na Universidade Federal de Pernambuco⁸, Acervos e Memória da Ciência e da Tecnologia em Saúde, fundado em 2008 e abrigado na Fundação Oswaldo Cruz⁹, Memória e Identidade: ativismos e políticas, fundado em 2010, abrigado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia¹⁰, Comunicação, Identidades e Memória, fundado em 2010 e abrigado na Universidade Federal do Recôncavo Baiano¹¹, Comunicação, Cidade e Memória, fundado em 2013 e abrigado na Universidade Federal de Juiz de Fora¹², Grupo de Trabalho em Memória, Comunicação e Consumo, fundado em 2012 na ESPM (SP), que integrou o congresso Comunicon naquele ano. As pesquisas em memória e comunicação vinham sendo desenvolvidas, contudo hibridizavam-se com outras temáticas e em congressos consolidados como os da Intercom, Alaic, Rede Alcar e outros, mas ainda não haviam conquistado legitimidade na área.

Incomodado por essa situação, um grupo de pesquisadores considerou a necessidade de propor um Grupo de Trabalho na Compós, com foco nos conceitos e métodos que os estudos de memória na comunicação já vinham produzindo. Foi necessário aguardar o ano de 2014, quando se daria a abertura do processo de reativação dos GTs, para então candidatar, mediante todas as normas da Compós, um novo GT. Naquele ano, a Compós abria a possibilidade de ingresso de novos GTs, sendo apenas um a mais em relação aos que já existiam no quadriênio anterior. Isso nos fazia ver que não seria tão fácil disputar esse lugar

8 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/18915>. Acesso em: 09 fev. 2025.

9 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8927>. Acesso em: 09 fev. 2025

10 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/259643> Acesso em: 09 fev. 2025

11 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2547207431394764> Acesso em: 25 fev. 2025

12 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/18915> Acesso em: 09 fev. 2025.

entre tantos grupos já consagrados na área e outros que ainda gostariam de ingressar, como o nosso.

Todavia, tínhamos uma intenção precisa: consolidar um campo de pesquisa que articulasse os estudos da memória social e cultural com os fenômenos comunicacionais. Queríamos mostrar que a memória não é apenas um arquivo do passado, mas um processo vivo, constantemente reconfigurado pelos meios de comunicação e pela cultura no tempo presente, com vistas também ao futuro. Conscientes de que estávamos disputando com outros GTs consolidados há anos e mesmo décadas, os então proponentes, mediante consulta aos seus pares, intitularam-no “Memória nas Mídias”, para garantir sua aderência à área, diferenciando-o da história, da sociologia e da psicologia. Naquela ocasião, discutimos com muita ênfase que a novidade residia no emprego da preposição “nas” mídias e não “das” mídias, uma vez que, desde 2001, já existia a Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar)¹³.

Nossa proposta foi aprovada na reunião plenária da Compós em junho de 2014 e, com isso, inauguramos, em 2015, um espaço onde a memória finalmente poderia ser reconhecida como parte legítima do campo da comunicação. A partir de então foi possível abrigar pesquisas que pensassem sobre os estudos da memória social e cultural nos mais variados suportes: livros, revistas, produtos audiovisuais, imprensa, textos orais, narrativas de histórias de vida, canções etc.

Nos primeiros anos de atuação, o desafio do GT era garantir que a relação entre memória e comunicação fosse vista como um campo legítimo de saber. Como um recém-chegado ainda provando seu valor, o GT precisou construir um repertório de referências e diálogos teóricos e metodológicos que demonstrasse a relevância dessa interseção. Afinal, como a comunicação pode ser pensada sem levar em conta os processos de rememoração, esquecimento e reconstrução simbólica que atravessam as mídias?

A título de exemplo, citamos que, na estreia do GT Memória nas Mídias, no Congresso Nacional da Compós, em 2015, na UnB (Brasília), entre os dez trabalhos apresentados, identificamos sete com suportes midiáticos diversos: livro, jornal impresso, desenhos animados, televisão, performances e redes sociais. Esses dados, que se encontram mais consolidados nas seções 4 e 5, já anunciam a preocupação que compartilhávamos naquele começo.

13 Disponível em: <https://redealcar.org/nossa-historia/> Acesso em: 10 fev. 2025

Com o amadurecimento do próprio GT, em 2022, quando ocorreu nova reativação de GTs, e Memória nas Mídias passaria por sua terceira etapa de aprovação e manutenção, revimos seu título e ementa, pois os trabalhos e nossas pesquisas já indicavam que, além das materialidades, “a memória pode ser pensada em suas relações com o esquecimento, com o silenciamento, com o apagamento, com a interdição, com o bloqueio. Pode se constituir como arquivo, acervo, patrimônio e outros textos culturais.” Compartilhamos, assim, com Assmann (2011, p. 11), a ideia de que

a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar. O fenômeno da memória, na variedade de suas ocorrências, não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área; dentro de cada disciplina ele é contraditório e controverso.

Assim, acreditamos que renomeado “Estudos de Memória e Comunicação” em 2022, o GT, sem deixar de contemplar a comunicação, abriu-se “como uma maneira especial de processar as amplas malhas de problemas que concernem a toda a sociedade” (Assmann, 2011, p. 22).

3. Método: uma interpretação político-quantitativa

Em busca de mapear o conhecimento produzido ao longo dos dez anos do GT, conforme proposto neste artigo, imergimos no exercício metalinguístico de pensar sobre a memória de um repositório que tem como propósito fundador o próprio estudo da memória. A vivência no GT por parte das autoras reveste-se de capacidade mnemônica ao reunir lembranças, percepções e experiências; igualmente, seguindo esse exercício constitutivo da memória, propomos consolidar, estudar e analisar o conhecimento compartilhado nos anais do Grupo ao longo de sua existência.

O primeiro gesto metodológico realizado foi a consolidação de todos os trabalhos já publicados no GT em um *drive*, compartimentando ano a ano a produção levantada. Reunimos, ao todo, cem artigos, os quais formam o nosso *corpus* robusto. Esse repositório criado garante a preservação desses documentos, assegurando o acesso a eles no futuro. A importância desses arquivos se dá não apenas enquanto acervo de pesquisa, mas especialmente pelo caráter de agência que é proposto: o que esse conjunto de documentos quer nos dizer? O que fazemos do conhecimento nele encontrado?

Ao revisarmos a contribuição desses anais, obtemos uma panorâmica sobre diversas formas de pensar e construir o campo, reconhecendo esse estudo como uma fonte potencial

de interpretação de mapas sobre a realidade de diversos conceitos. A abordagem de pesquisadores acerca da memória e o que escrevem a seu respeito afiança a legitimidade sobre o que se pensa na área.

A identificação da produção existente do GT ocorreu por meio de um mapeamento realizado em dezembro de 2024, abrangendo todo o repositório disponibilizado no site para acesso público. Na sequência, partimos para uma pré-análise dos cem artigos encontrados, dividindo-os em planilhas por ano de publicação, desde 2015 até 2024. Definiram-se, então, sete chaves de leitura dos textos: título, autores, afiliação, referências, temáticas centrais, materialidades e palavras-chave.

Em “autores”, listamos todos os participantes do GT ao longo dos dez anos, juntamente aos coautores responsáveis; em “filiações”, atribuímos universidades e/ou centros de estudo específicos a cada um dos autores, levando em consideração o que é sinalizado pelos próprios; em “referências” listamos todos os autores citados no artigo que têm relevância nos estudos de memória; nas “temáticas centrais”, elencamos os principais temas e conceitos abordados que concernem ao campo da memória; em “materialidades” identificamos quais são os objetos de pesquisa de cada um dos trabalhos; e em “palavras-chaves” reproduzimos as palavras escolhidas por cada um dos autores para representar seu artigo no GT.

Em referências e temáticas centrais, decidimos nos concentrar nos autores e temas relevantes à área de memória, com o objetivo de focar a proposta do GT e as questões principais relacionadas ao tema. As categorias de análise nasceram dos textos e foram, em seguida, organizadas e sistematizadas por nós. Para o processamento e análise dos dados contidos nas dez planilhas que reúnem todas as leituras sistematizadas foi utilizado um script em Python. Inicialmente, o script realizou a busca e extração das informações relevantes, organizando os dados de acordo com os parâmetros estabelecidos. Os dados extraídos foram classificados com base na incidência das categorias previamente definidas, permitindo uma organização estruturada e uma análise mais precisa dos padrões identificados.

4. Perspectivas teóricas e autores mobilizados no GT

Quer em sua primeira fase, ainda com o título “Memória nas Mídias”, quer na segunda, após a reativação de 2022, quando é rebatizado como “Estudos de Memória e Comunicação”, o GT mobilizou, ao longo de seus dez anos de existência, em cem artigos, um corpo considerável de autores relacionados às discussões sobre memória e suas interfaces.

Com base na interpretação dessa bibliografia, reconhecemos campos de estudos que, regularmente, têm fundamentado teórica e metodologicamente a investigação das mais variadas materialidades, linguagens, performances e mídias em que a problemática da memória se manifesta. Analisamos a filiação teórica dos autores citados, em sua totalidade, para nomear cada um desses campos.

O primeiro e principal conceito que devemos tratar aqui se refere à Memória Social. Tributa-se a Maurice Halbwachs o papel de autor fundante do campo da memória social, mas por ele denominada como Memória Coletiva. Foi com os seus trabalhos, em especial, *Os quadros sociais da memória* (1925) e o livro póstumo, editado por seus alunos, *A memória coletiva* (1950), que a memória se tornou objeto das ciências sociais e não apenas da filosofia, da psicologia ou dos estudos literários. Aluno de Henri Bergson, que havia publicado *Matéria e Memória* (1896), Halbwachs deslocou a problemática da memória do tempo subjetivo para os tempos sociais, critica a ideia de memória pura e cunha o conceito de memória coletiva, isto é, uma construção social do passado no presente dos grupos de determinadas coletividades. A memória individual, por sua vez, comporta-se como um ponto de vista sobre a memória coletiva. Não sem críticas a muitos de seus fundamentos, Halbwachs é revisitado, questionado e repensado por muitos autores, como as pesquisadoras brasileiras Ecléa Bosí, Regina Abreu, Jô Gondar, Vera Dodebei; a portuguesa Elza Peralta; o sociólogo francês Gérard Namer, estudioso e especialista em Halbwachs, quem reconhece, na obra do pensador, que toda memória coletiva é centrada na memória social; Jeffrey K. Olick, sociólogo e historiador cultural estadunidense cuja obra é voltada aos estudos da memória coletiva. Maurice Halbwachs esteve presente em praticamente todas as edições do GT.

Memória Cultural é outro conceito bastante articulado nos textos apresentados no GT Estudos de Memória e Comunicação (e no antigo Memória nas Mídias). Ainda que Namer reconheça na obra de Halbwachs a ideia de uma memória cultural (JONAS, 2003), esta perspectiva pode ser densificada e compreendida, especialmente no âmbito do GT, sob a égide de dois grandes grupos: de um lado os estudos de Jan Assmann, professor de teoria cultural e religiosa, e Aleida Assmann, professora de língua inglesa e literatura comparada, ambos na Alemanha e, por outro, os do semiótico russo Iúri Lotman que funda a teoria semiótica da cultura de Tártu-Moscú nos anos de 1960. Ainda que a semiótica de Lotman seja anterior aos estudos do casal Assmann, são os professores alemães que desmembraram o

conceito de Memória Coletiva, de Halbwachs, em Memória Cultural e Memória Comunicativa em artigo publicado em 2006.

Aleida Assmann (2011, p. 23) traz para o célebre *Espaços da Recordação*, obra bastante citada no GT, a importância dos semioticistas de Tártu-Moscou para a discussão sobre a memória “e sua dependência de certas práticas e mídias”. Em Lotman (1996), a cultura é pensada como memória da coletividade, mas não há um diálogo direto com as ideias de Halbwachs. Por seu turno, o espaço da produção da cultura é espaço comunicativo, cunhado por Lotman como semiosfera. A memória é atributo da semiosfera e do mesmo modo se caracteriza como uma das funções dos textos culturais, formados e formadores da semiosfera. Por isso, cultura e memória não se separam. A memória assume a dimensão de uma inteligência coletiva, cultural e, sobretudo, comunicacional. Daí a importância dos códigos e textos para sua construção, transmissão e circulação.

Podemos associar ao campo de estudos da Memória Cultural, autores e autoras cujas obras observam e analisam a memória, revelando formas de transmissão e engendramentos antropológicos e históricos, centradas seja no estudo de imagens seja em outras formas de narrativas e textualidades. Esse é o caso de autores, mobilizados frequentemente, como Paul Ricoeur, um dos mais citados nas dez edições do GT, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Walter Benjamin, Frances Yates, Paul Zumthor, Joël Candau, Mariana Hirsch, Astrid Erll, Ariela Azoulay, Didi-Huberman, Aby-Warburg, Bernard Stiegler, Jeanne Marie Gagnebin. Nessa perspectiva, entre as pesquisadoras brasileiras mais citadas no GT, filiadas a essa discussão, estão Marialva Barbosa, Bárbara Heller, Priscila Perazzo e Mônica Nunes.

Pode-se identificar mais um campo teórico que se vale da memória cultural, mas voltado a temas da cultura da memória. Aqui especialmente os trabalhos do alemão Andreas Huyssen põem em destaque o movimento midiático, museológico, arquivístico que toma forma a partir dos anos de 1980 na direção de uma obsessão por lembrar, considerando inclusive a espetacularização da lembrança e a transformação da memória em mercadoria. O autor fala em *boom da memória* para se referir ao uso cultural e político, cada vez mais intenso, das lembranças, que se fazem também sentir no crescimento dos estudos acadêmicos, seja aqueles focados na Memória Social, seja na Memória Cultural, como fora exposto na seção 2 deste artigo. Aqui identificamos diversos trabalhos apresentados ao GT cujos temas e referências integram-se a esse paradigma. Beatriz Sarlo, Jacques Derrida, Fausto Colombo,

Régine Robin e Barbie Zelizer são algumas das indicações bibliográficas mais expressivas acionadas nesse campo.

Vale dizer que as perspectivas sociais e culturais da memória ganham materialidade em diversas mídias, em sentido amplo, isto é, quer como suportes, quer como vinculadores comunicacionais, quer ainda como textos da cultura. Nesse sentido, vale também destacar os estudos apresentados no GT que têm no centro uma reflexão sobre os usos políticos do passado. Muitas vezes, esses trabalhos dialogam com Huyssen e alguns dos pesquisadores anteriormente citados, mas também acionam outros autores como Tzvetan Todorov, Michel Pollak e Elizabeth Jelin. Na maior parte dos casos, o que está em jogo é a discussão sobre a centralidade que o passado ocupa nas lutas políticas do nosso tempo. Um fenômeno não apenas europeu ou norte-americano, mas transnacional. A memória tem se tornado ferramenta central de luta seja para aqueles que, no Sul Global, buscam trabalhar com uma perspectiva decolonial, seja para os mais diversos grupos sociais (negros, indígenas, mulheres, população LGBTQIAPN+) que lutam contra preconceitos e diferentes formas de racismo e opressão perpetuados no tempo. Na arena da memória, o passado tem sido usado igualmente para instrumentalizar projetos conservadores e diferentes formas de negacionismo.

O debate em torno da dimensão política da memória também tangencia as reflexões sobre nostalgia, que foram se tornando mais intensas no GT ao longo dos anos, como um reflexo direto do crescimento desse campo de pesquisa no interior dos estudos de memória. As principais referências têm sido Svetlana Boym e Katharina Niemeyer, autoras que protagonizam o debate internacional sobre o tema. Vale sublinhar que Niemeyer é uma das fundadoras da *International Media and Nostalgia Network* (IMNN), da qual algumas das pesquisadoras brasileiras do GT participam, como Lúcia Santa-Cruz, Ana Paula Goulart Ribeiro e Talítha Ferraz. Esse tema tem merecido destaque no GT também pelo trabalho de Marcos Piason Natali.

Ainda com diálogos profundos com os estudos sobre cultura da memória, podemos identificar um outro campo de reflexão forte no Grupo de Trabalho, centrado no debate sobre o lugar do testemunho e dos registros orais no mundo contemporâneo. Nesse caso, as referências teóricas vêm de campos disciplinares variados, com predomínio da história e da psicanálise, especialmente mobilizada para o debate em torno da noção de trauma. Os autores que mais aparecem são Freud, Paul Thompson, Leonor Arfuch, Didier Fassin, Alessandro

Portelli e Márcio Seligmann-Silva. Entre os membros do GT que trabalharam nessa perspectiva estão Priscila Perazzo, Barbara Heller, Ana Paula Goulart Ribeiro e Teresa Neves.

Por fim, gostaríamos de apontar, como um dos debates centrais do GT ao longo dos anos, a questão da temporalidade. O tempo é, obviamente, uma categoria essencial e incontornável dos estudos da memória e ocupa um lugar central já nas obras fundadoras de Henri Bergson e Maurice Halbwachs. Mas essa categoria tem se inserido no debate contemporâneo em especial por meio da noção de regime de historicidade, do francês François Hartog. Numa discussão ampla e complexa, que mobiliza autores clássicos como Santo Agostinho, Krzysztof Pomian e Reinhart Koselleck, o debate se estende para outras compreensões sobre a forma de estar no tempo e de articular as noções de passado, presente e futuro, diferente daquela que se tornou hegemônica com a modernidade ocidental. Insere-se, nesse caso, perspectivas a obra de autores do Sul Global como a boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, a argentina María Inés Mudrovic e o brasileiro Aílton Krenak.

Autores

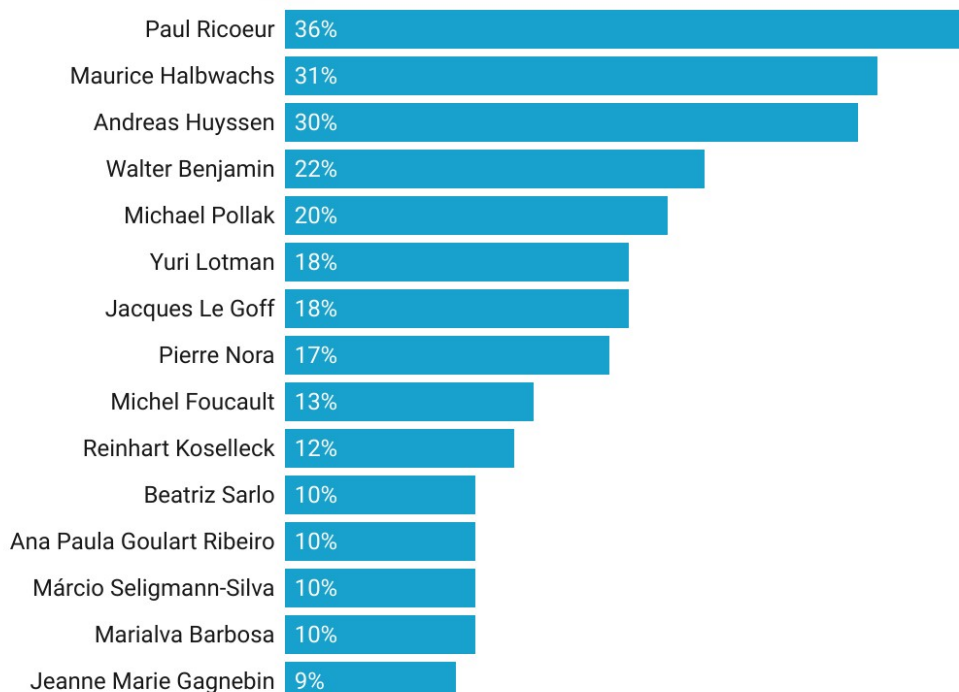


FIGURA 1 – Gráfico sobre os autores mais citados nos textos, ao longo da década.

FONTE - Produção de pesquisa dos autores a partir do conjunto de dados analisados

Apresentamos acima o Gráfico da Figura 1, com o nome dos quatorze autores mais citados nos cem artigos por nós analisados. Alguns, como Michel Foucault, não têm uma relação direta com os estudos da memória, mas são bastante mobilizados nas discussões sobre questões transversais, que atravessam o debate sobre memória, como é o caso do poder e do discurso. Vale sublinhar o predomínio de pensadores europeus, o que reflete uma influência dos autores mais clássicos dos estudos da memória sobre as pesquisas desenvolvidas no Brasil.

É interessante verificar que, apesar de terem trabalhos dedicados ao estudo da mídia, pesquisadores de origem anglo-americana ligados ao *Memories Studies*, como Andrews Hoskins, John Sutton e Michael Pickering, estão ausentes da tabela e praticamente não são referenciados nos textos do GT. Outro ponto a destacar é que, entre os autores mais citados, aparecem apenas quatro mulheres, entre elas uma argentina e duas brasileiras.

Apesar de não aparecer no gráfico da Figura 1, a perspectiva decolonial tem se feito presente no GT nos últimos anos, sobretudo com a discussão sobre tempo e historicidade, como já explicado anteriormente. Tal perspectiva ainda é recente no Grupo e, por isso, não aparece entre as citações mais expressivas.

5. Entendendo os dados: palavras-chave, temáticas centrais e materialidades

Optamos por levar em consideração as palavras-chave escolhidas pelos autores, que traduzem os eixos temáticos aos quais os artigos pertencem. Claro que essa escolha tem seus limites, na medida em que os autores não utilizam os mesmos critérios para escolher os termos que, a princípio, sintetizaram suas reflexões. De qualquer forma, esse critério nos pareceu mais adequado por constituir um indicativo “interno”, criado a partir de pontos de vista dos próprios autores. Conforme o Gráfico da Figura 2, as palavras-chave mais mencionadas nos artigos foram as seguintes:

Palavras-chave

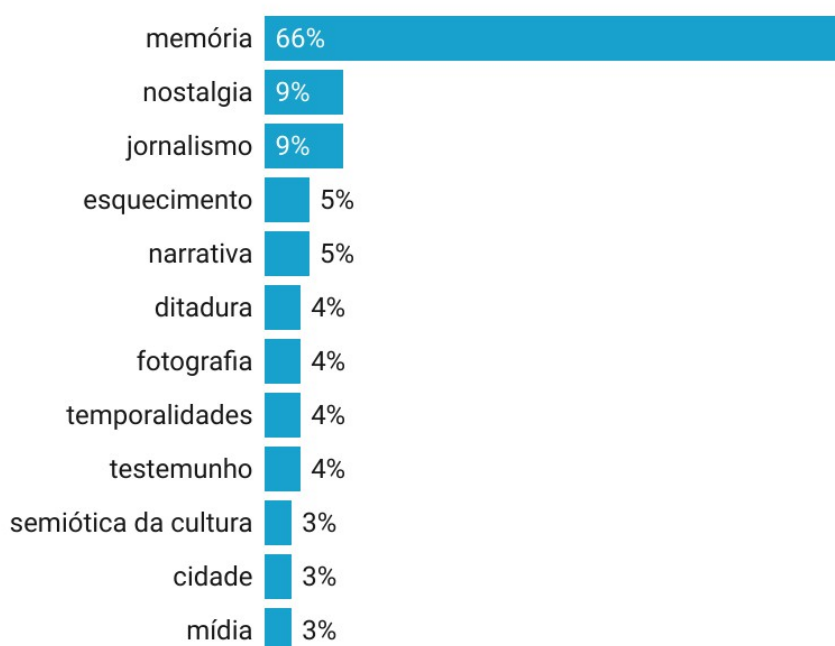


FIGURA 2 – Gráfico sobre palavras chave mais recorrentes.

FONTE - Produção de pesquisa dos autores a partir do conjunto de dados analisados

Presente na maioria dos artigos (66), a palavra-chave “memória”, que se desdobra em “memórias” (2 menções) e “memória social” (2 menções), aparece como tentativa de reforço do vínculo ao GT, mas não, necessariamente, trata-se de uma reflexão sobre a memória. Por vezes, ela vem como um pano de fundo, sobre o qual se projetam reflexões a respeito do passado, ou mesmo da presença desse passado nos produtos midiáticos contemporâneos.

Outras palavras que se destacam são “nostalgia” e “jornalismo”, com nove menções cada, seguidas de “esquecimento” e “narrativa”, num total de cinco menções. A nostalgia é um dos temas caros a alguns pesquisadores regulares do GT, tais como Lúcia Santa-Cruz e Ana Paula Goulart Ribeiro. Dessa forma, o GT pode ser visto como um lugar propício para interlocução sobre esse tema. Já em relação ao jornalismo, nota-se que essa palavra-chave por vezes se confunde com a materialidade analisada, tais como jornais impressos e veículos de comunicação, e não implica, necessariamente, um estudo sobre o jornalismo em si ou seu vínculo com a memória.

Ao cruzarmos os dados referentes às palavras-chave e às materialidades, nota-se que as materialidades analisadas em maior escala nos artigos apresentados no GT nesses dez anos

foram “audiovisual”, com 18 ocorrências, e “jornal impresso”, com 16, que se desdobram principalmente nos seguintes jornais: *Folha de S. Paulo*; *Jornal do Brasil*; *O Globo*; *Estado de Minas* e *A Sirene*.

Duas palavras-chave, que aparecem com cinco menções cada, são “esquecimento” e “narrativa”, o que faz jus ao fato de Paul Ricoeur ser um dos autores mais mencionados ao longo desses dez anos de existência do GT. O esquecimento, contraface da memória, assim como seu vínculo estreito à narrativa, são abordados pelo pensador francês, e podem ser analisados dentro do campo da comunicação como um importante elemento para se pensar como as diferentes mídias lidam com tais aspectos.

Outro eixo de palavras-chave que aparece cada qual com quatro menções é “ditadura”, “fotografia”, “temporalidades” e “testemunho”. Aqui, a materialidade “fotografia” é mencionada como palavra-chave, tal como ocorre em relação ao jornalismo. Já a reflexão sobre temporalidades é interessante por vincular a memória ao tempo e propor uma reflexão acerca dessa temática vinculada aos estudos de comunicação. Em relação ao testemunho, trata-se de uma entrada nos estudos de memória muito cara à América Latina, especialmente quando vinculado à memória das ditaduras civis-militares pelas quais muitos países latino-americanos passaram.

“Semiótica da Cultura”, “cidade” e “mídia”, com três menções cada, vêm destacar a filiação teórica, em se tratando da primeira, e uma entrada em outro fenômeno de estudo que é a cidade, olhada em suas dimensões comunicativas. Já “mídia” nos propõe também o vínculo com o campo da comunicação, especialmente se considerarmos que, até 2022, o GT era intitulado Memória nas Mídias.

Outras palavras-chave que aparecem com duas menções são as seguintes: holocausto, mídias, historicidade, censura, monumento, midiatização, cinema, discurso, afetividade, decolonialidade, biografia, jornalismo cultural, arte, arquivo, verdade e utopia. Nesse sentido, observa-se que, ao longo do tempo, o GT foi incorporando temáticas que dialogavam com o contexto de cada momento, tais como as questões ligadas a monumento, arquivo e decolonialidade, para além das temáticas relacionadas às materialidades midiáticas, como cinema, jornalismo cultural, biografia e arte.

Em relação às temáticas centrais, analisamos as seguintes menções, conforme pode ser visto na Figura 3 do gráfico sobre os temas centrais:

Temáticas centrais

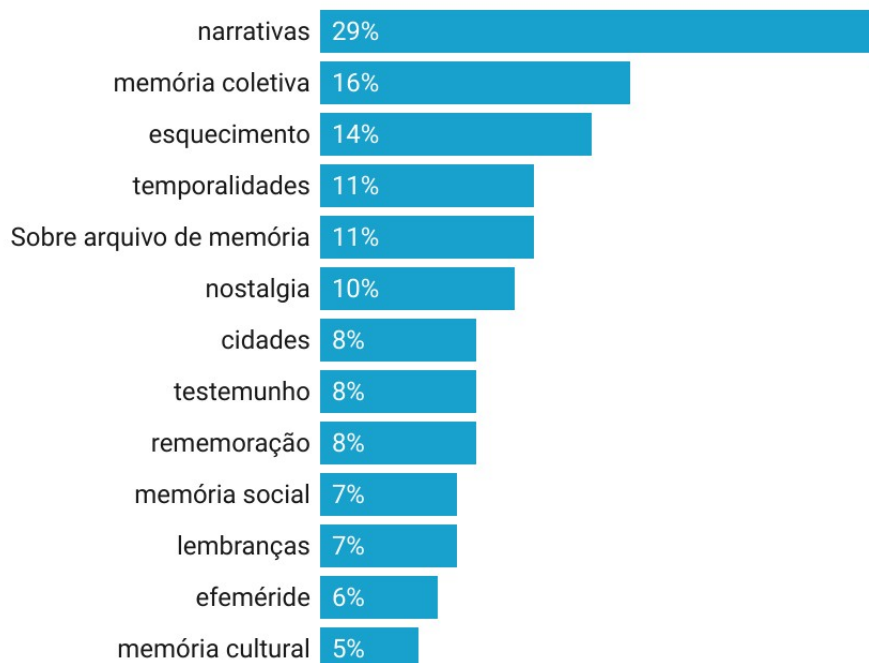


FIGURA 3 – Gráfico sobre temas centrais encontrada nos cem artigos analisados.

FONTE - Produção de pesquisa dos autores a partir do conjunto de dados analisados

Cruzando as palavras-chave com as temáticas centrais apreendidas por meio de um mapeamento dos artigos apresentados ao longo desses dez anos, nota-se que algumas temáticas ganham mais destaque, embora nem sempre mencionadas nas palavras-chave. É o caso da temática mais presente nos artigos: narrativa (29 ocorrências). Como dito anteriormente, essa temática central nos parece justificar o fato de Paul Ricoeur também ter sido o autor mais presente, o que se justifica, em muitos dos casos, pela análise de narrativas midiáticas em distintos suportes. Por outro lado, é importante sinalizar que nem sempre a narrativa é tratada pela perspectiva da hermenêutica de Ricoeur. Há, no GT, trabalhos que abordam a temática pelo viés do discurso e da semiótica.

Na sequência, aparece “memória coletiva” (16 ocorrências) e “esquecimento” (14 ocorrências). Pensar a memória em termos de memória coletiva também dialoga com os estudos de Comunicação, que acabam por compreender esse fenômeno a partir do comum, da esfera do social. É preciso sublinhar que o conceito tem uma centralidade no GT maior do que o número de ocorrência demonstra. Isso porque, muitas vezes, é mobilizado no texto,

sem aparecer como palavra-chave. Já o esquecimento, dado ao seu vínculo intrínseco com a memória, também ganha destaque nos estudos apresentados no GT. Trata-se de um esforço teórico que enfatiza a ideia de que a memória pressupõe o trabalho da lembrança, mas igualmente o esforço - algumas vezes deliberado - de esquecimento.

“Temporalidades” aparece 11 vezes, seguida por “nostalgia” (10). Com oito menções estão “cidades”, “testemunho” e “memorização”, seguidos por “memória social” e “lembranças”, com sete ocorrências, e “efeméride”, com seis. Vale mencionar que a palavra lembrança não é necessariamente usada como uma dimensão da prática mnemônica, mas como um sinônimo mesmo de memória.

A categoria “Sobre arquivo de memória”, com 11 ocorrências, merece ser sinalizada e circunscrita à parte, no sentido de explicarmos ao que ela se refere dentro do contexto de análise dos outros trabalhos. Por meio da leitura dos artigos, percebemos que havia uma incidência de textos cujo principal tema eram arquivos, acervos ou pesquisas historiográficas. Tais temas, certamente, têm relação com a ementa do GT; no entanto, o que identificamos é que esses trabalhos não dialogam de forma explícita com os estudos da memória, mas têm como proposta principal realizar investigações documentais. Entendemos, portanto, que os autores encontraram no GT um espaço de interlocução sobre materialidades comunicacionais que não estavam explicitamente vinculadas ao presente midiático e pensaram a memória a partir de uma relação com o passado. Consideramos importante criar uma categoria específica para reunir esses trabalhos tendo em vista a sua recorrência em meio ao todo e por sabermos que os estudos em memória são atravessados pelo entrecruzamento com pesquisas historiográficas.

Foram identificadas, ainda, em cinco ocorrências as temáticas centrais "memória cultural", que especifica um tipo de memória coletiva, "apagamento", um dos artifícios do esquecimento, "lugar de memória", que se vincula a um dos autores mais mencionados, Pierre Nora (17 menções), "memória do futuro", "dever de memória" e "ditadura militar". Com quatro menções, aparecem "silenciamentos", outra dimensão do esquecimento, "memória oficial", "performance", "patrimônio" e "gesto de memória". É interessante observar que, nessas temáticas centrais, misturam-se termos que são de autores referência nos estudos de memória, tais como Ricoeur, Halbwachs, Assmann, Koselleck, entre outros, que foram comentados no tópico anterior.

Retomando as materialidades de maior destaque, registra-se, com a maior ocorrência: “audiovisual” (18), que se desdobra em “documentário” (5); “Rede Globo” (4); “Fantástico” (2); e “série televisiva” (2), entre as maiores recorrências. Também aparece com destaque “redes sociais” (9), que se desdobra em “YouTube” (4) e “Facebook” (3) e “Instagram” (2). Outras materialidades que aparecem com recorrência são as seguintes: "livros" (9); "artes visuais" (5); "revista impressa" (3); "fotografia" (3); "música" (3); "moda" (3); e "jornal digital" (3), conforme pode ser observado na Figura 4 do gráfico “Materialidades”:

Materialidades

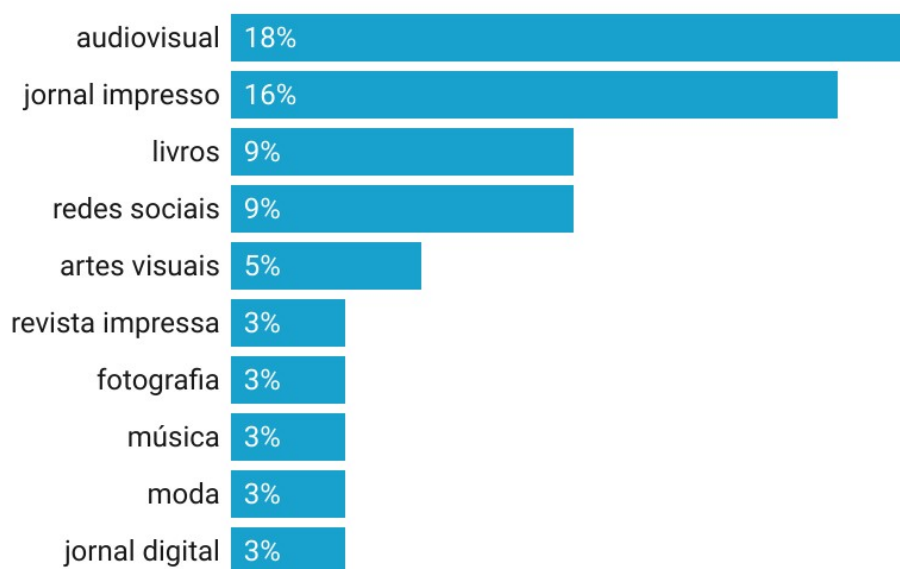


FIGURA 4 – Gráfico sobre as materialidades.

FONTE - Produção de pesquisa dos autores a partir do conjunto de dados analisados

Como pudemos observar, há uma diversidade de materialidades analisadas nos artigos, muitas delas diretamente ligadas à esfera midiática, embora, nos congressos mais recentes, tenhamos percebido a ampliação desse escopo para outras materialidades não necessariamente midiáticas, como a cidade e as artes.

É importante apontar que os dados quantitativos abordados servem, acima de tudo, como uma referência que sinaliza os percursos que foram seguidos; sendo assim, atuam como indicativo de relevância de determinadas temáticas, conceitos e materialidades que circunscrevem a abordagem da memória no GT. Ao colocarmos essas chaves de leitura em

fricção, conseguimos extrair um referencial coerente das pesquisas analisadas, traçando relações objetivas entre os resultados apresentados.

6. Resultados, ainda que parciais

As análises realizadas a partir dos anais referentes aos dez anos do GT evidenciam um conjunto coeso de pesquisas, ancoradas em uma bibliografia de matriz tradicional dentro da teoria dos estudos de memória nas humanidades e nas ciências sociais. Identificamos um conjunto expressivo mobilizado de 103 autores do campo, referências predominantemente europeias e masculinas. Esse resultado, portanto, nos leva a refletir sobre um colonialismo bibliográfico e teórico presente e, ainda, sobre a hegemonia de pensadores clássicos em meio a um contexto latino-americano.

Ainda que a relevância desse cânone seja incontornável para alicerçar as bases do GT, observamos um movimento recente em direção a referências latino-americanas e brasileiras, com a presença crescente de autores como Márcio Seligmann-Silva, Silvia Rivera Cusicanqui e Ailton Krenak. Há também um número significativo de pesquisadoras mulheres participando do GT. No entanto, reconhecemos lacunas significativas, como a ausência de pensadores e pensadoras negras e indígenas em detrimento a um rol de intelectuais brancos e europeus.

É interessante observar que a memória, por vezes, é tratada como pano de fundo para se pensar relações entre fenômenos midiáticos com o passado. Em poucos casos, ela é problematizada em sua relação com o campo da comunicação. Isso nos leva a pensar que, apesar do claro amadurecimento das pesquisas na área que se observa no GT ao longo dos anos, é preciso refletir sobre de que forma esse espaço de interlocução pode contribuir, de forma ainda mais consistente, para a construção de um pensamento próprio sobre os estudos de memória no campo da comunicação.

Para isso é preciso ter em mente algumas questões essenciais. O que diferencia o nosso olhar sobre o fenômeno mnemônico daquele do antropólogo, do filósofo ou do historiador? Que problemas da pesquisa em comunicação são diferentes dos que são formulados pelos psicanalistas ou pelos neurocientistas? Se é fato que nenhum campo disciplinar pode dar conta sozinho da memória, em sua complexidade, por outro lado, cada um têm questões que lhe são próprias e é preciso considerá-las.

Outro ponto de atenção, no que diz respeito ao método com o qual trabalhamos, é a relação entre os dados coletados nos anais e as plataformas utilizadas para análise. As ferramentas utilizadas pertencem a grandes empresas de tecnologia, que operam dentro de lógicas hegemônicas e são ideologicamente comprometidas com políticas coloniais. Sabemos que esses recortes de pesquisa, sejam eles escolhas metodológicas, também moldam as possibilidades de interpretação e análise. Essa consideração se torna ainda mais relevante por reconhecermos a memória como um campo de disputa de sentidos, no qual os meios de coleta e processamento dos dados também participam da construção dos resultados que analisamos. Por isso, gostaríamos de frisar que os dados aqui apresentados, assim como as interpretações que deles fizemos, estão sendo considerados apenas como indicativos e não, obviamente, índices absolutos do que foi o trabalho do GT na última década.

Ressaltamos, ainda, a natureza dinâmica dos estudos de memória. Em alguns casos, a reflexão sobre a memória está sendo elaborada no curso mesmo dos acontecimentos, no momento em que ocorrem, como no período dos ataques a monumentos, ocorridos em diversas partes do mundo, após a morte do afro-americano George Floyd, em 2020, ou como nos ataques à sede dos três poderes em Brasília, em 8 de janeiro de 2023 - temáticas abordadas em artigos do GT. Memória, como sabemos, se ancora fundamentalmente no presente, com o qual dialoga incessantemente. Essa característica reforça a relevância *evenemencial* do campo e a necessidade de abordagens críticas e plurais, que considerem a memória como um “aviso de incêndio”, uma construção carregada de disputas e urgências¹⁴.

O GT tem, portanto, respondido a demandas específicas do nosso tempo. Procura solucionar questões que pedem reflexões imediatas e urgentes, o que sublinha o caráter ativo da memória e o agenciamento necessário dos pesquisadores da área, comprometidos com a luta contra diferentes formas de esquecimentos, silenciamentos e negacionismos. Por outro

¹⁴ Questão se coloca claramente a partir de dois exemplos de políticas públicas recentes, implementadas por um dirigente eleito democraticamente e outro, pelo proprietário de uma das maiores high-techs do planeta. Trata-se, respectivamente, da decisão de Javier Milei, presidente da Argentina, de fechar e demitir sumariamente, conforme noticiado nas mídias em 7 de janeiro de 2025, os funcionários da ex-Esma (Escola de Mecânica da Armada), onde funcionou o principal centro clandestino de tortura da ditadura argentina (1976-1983), depois transformado em um complexo de museus e institutos de memória e direitos humanos (*Folha de S. Paulo*, jan. 2025). A outra medida, anunciada no mesmo dia e ano pelo fundador e CEO da Meta, Mark Zuckerberg, diz respeito ao encerramento do seu programa de “fact-checking” (verificação digital) (*CartaCapital*, 7 jan, 2025). Por ser um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social e por estar ideologicamente alinhado ao pensamento da extrema direita de Elon Musk e Donald Trump, recém-eleito para a presidência dos Estados Unidos, teme-se o aumento da onda de negacionismos, apagamentos, conservadorismos e disseminação, descontrolada, de discursos de ódio. Daí a importância da existência do GT Estudos de Memória e Comunicação que, desde o início de sua fundação, sempre se preocupou com questões do nosso tempo.

lado, é importante frisar que o GT tem sido, desde sua fundação, um espaço importante de interlocução e de trocas, que ajudou no fortalecimento e no amadurecimento de pesquisas levadas a cabo por grupos ligados aos seus membros. Ao longo dos anos, muitos dos textos apresentados em nossos encontros traziam resultados de investigações em curso, em diferentes estágios de desenvolvimento, não apenas por professores e coordenadores de pesquisa, mas também por estudantes de mestrado e doutorado a eles ligados.

Nesse sentido, é importante sublinhar uma dimensão do trabalho do GT que certamente não se faz apreender nos textos publicados nos anais e que diz respeito à própria lógica do seu funcionamento. Os comentários e os debates, que seguem as apresentações dos trabalhos, são momentos privilegiados, nos quais emergem, de forma dinâmica e às vezes inesperada, questões e elaborações teóricas ricas, resultantes de um clima amistoso e propício ao diálogo, do qual todos os membros saem ganhando. Claro que esse, em última instância, é o objetivo de todos os grupos da Compós. No entanto, o caráter colaborativo e amigável de troca no GT Estudos de Memória e Comunicação é uma característica reiteradamente apontada nas reuniões de avaliação realizadas no final dos encontros. É importante dizer que esse clima foi fundamental para o avanço dos estudos da memória na comunicação e para a constituição de parcerias consistentes, que extrapolam os limites da Compós e que já resultou na organização de eventos, na publicação de livros e, inclusive, na constituição de uma entidade: a Rememora.

Referências

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CARTACAPITAL.O que muda com o anúncio de Zuckerberg sobre o fim do programa de checagem pela Meta... 07 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-que-muda-com-o-anuncio-de-zuckerberg-sobre-o-fim-do-programa-de-checagem-pela-meta/> Acesso: 08 jan. 2025
- COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Anais do Grupo de Trabalho Memória nas Mídias e Estudos de Memória e Comunicação (2015-2024). Disponível em: <https://proceedings.science/compos>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- FELDMAN, Daniele e STEINDEL, Gisela Eggert. As relações entre Centros de Memória e Ciência da Informação: breve reflexão. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 10, n. 1, p. 147–166, 2019.

GROHMANN, Rafael et al. As estratégias de comunicação das plataformas de trabalho: circulação de sentidos nas mídias sociais das empresas no Brasil. **Comunicação e sociedade**, n. 39, p. 17-37, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/4784> Acesso em: 09 fev. 2025.

JONAS, S. Société et mémoire. Regard de Gérard Namer sur l'œuvre de Maurice Halbwachs [article]. **Revue des Sciences Sociales**. Année 2003, 31, pp. 68-72. Disponível em https://www.persee.fr/doc/revss_1623-6572_2003_num_31_1_2646 . Acesso em 05 fev. 2025.

PAIXÃO, Mayara. Milei enxuga política de memória na Argentina. **Folha de S. Paulo**, 07 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/01/milei-enxuga-politica-de-memoria-na-argentina.shtml> Acesso: 08 jan. 2025.